

Mário Mendes de Moura

# O ROXO DOS JACARANDÁS



**4Estações - Editora, Lda.**  
PAREDE - PORTUGAL

Reservados todos os direitos, incluindo o direito de reprodução no todo ou em parte,  
em qualquer suporte, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO: *O ROXO DOS JACARANDÁS*

AUTOR: Mário Mendes de Moura

© 2022 desta edição 4Estações Editora, Lda.

EDIÇÃO: Mário de Moura e Ione França

REVISÃO (DE ORIGINAL E PROVAS): Ana David

PAGINAÇÃO: Gráfica 99

DESIGN DE CAPA: Fátima Cândido

FOTOGRAFIA DA CAPA: Nikita Buida/Dreamstime.com

ILUSTRAÇÃO DE CONTRACAPA: © Fátima Cândido

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: Publito

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1.ª edição, março de 2022

ISBN: 978-989-9056-04-6

Dep. Legal: 494045/22



[www.4estacoeseditora.pt](http://www.4estacoeseditora.pt)

# 1.

**O**TELEMÓVEL TOCAVA CERTAMENTE HÁ ALGUM TEMPO, QUANDO ACORDEI NAQUELA MADRUGADA FRIA DE UMA segunda-feira do início de setembro de 2017, em Cambridge, nem percebi bem o que estava a acontecer. Olhei para o relógio da mesinha de cabeceira que marcava um luminoso e atrevido 5h45.

*Raios! Deve ser de Portugal. Talvez a minha mãe.*

Com cuidado, relutância talvez, peguei no telemóvel.

*351. Claro, Portugal, mas incrível, não é a minha mãe.*

Atendo.

– Sim, quem é?

– Menino David, é a vizinha da sua mãe, a senhora Júlia, lembra-se? É para lhe dizer que a sua mãe, coitadinha, foi agora para o hospital, levada pelo cento e doze.

Fiquei atordoado e em silêncio até reagir:

– Mas como? Ela estava doente, o que aconteceu à minha mãe?

A voz continuou:

– Ontem estava bem, tomámos chá, falou muito de si, mas há bocadinho telefonou-me porque não se sentia bem, por isso achei melhor chamar o cento e doze. Vieram logo, isso é verdade, mas acharam necessário levá-la para o hospital.

– Mas, minha senhora, para qual?



– Não sei, eles disseram, mas eu com a agitação esqueci-me. A sua mãe pediu-me para o avisar e deu-me o seu número de telefone insistindo para lhe ligar, apesar da hora que é.

Não queria mais detalhes redundantes. Um pouco brusco, respondi:

– Obrigado, senhora Júlia, acho que vou para aí, não sei bem, mas obrigado na mesma.

Levanto-me, vou para a casa de banho, faço a barba lentamente, com hesitações. Observo o meu reflexo no espelho: um rosto moreno, anguloso, olhos muito pretos, agora como que espantados, cabelos lisos e escuros, que tanto destoavam dos meus colegas. Tomo um duche e visto-me. Roupa um pouco mais informal. *Lá, ainda deve estar bom tempo, o final de verão é ameno.*

Faço a mala de viagem de tamanho médio, a das viagens curtas, roupa um pouco ao acaso, para calor e frio, sol e chuva, e dois livros.

Depois foi como uma ficção: neblina, um táxi, o inóspito e imenso aeroporto e, finalmente, com dificuldade consigo lugar no voo das 9h50 da British Airways.

No avião fiquei a pensar em como os telefones tinham modificado totalmente a nossa vida. Antes as notícias chegavam por mensagem oral, pelo correio ou, mais rapidamente, por telegrama. As pessoas tinham tempo para as assimilar, para responder com maior ou menor rapidez, e até para as ignorar. Depois os telefones num direto «Olá! Olá!» e as notícias chegam num instante e sem recurso a defesa. Isto ainda nos tempos do telefone fixo, na parede ou em cima da mesa, porém só éramos afetados se estivéssemos junto ao telefone. Finalmente os *smartphones*, música conhecida e, logo a seguir, a notícia seca, frontal, brutal, a cobrança, a qualquer instante, em alta-voz, de qualquer lugar. Somos enlaçados como qualquer cavalo selvagem. Também a infor-

mação útil, a palavra amiga e o carinho. O bom e o mau, o conveniente e o inconveniente, quase cara a cara, a qualquer hora, sem piedade.

\* \* \*

Lisboa ligeiramente nublada. Na zona dos táxis pergunto-me afinal para onde ir. Não sabia qual o hospital onde estava a minha mãe, não tinha comigo a chave do apartamento dela. Aonde estaria a vizinha, no hospital ou em sua casa? Era melhor ir para um hotel qualquer, talvez na Baixa, mas não me ocorria nenhum. Procurar qualquer um agora era pura perda de tempo. *Não, o melhor era ir diretamente para o hospital. Mas qual? Claro, pensei, o 112 certamente poderá informar-me, têm provavelmente uma Central de Informações.* Telefone, a maravilha dos smartphones, do *roaming*. *Como será que faziam as pessoas antigamente numa situação como esta?*

Não foi fácil, mas finalmente consigo a informação: Hospital de Santa Maria. Por coincidência preocupante, o mesmo onde a minha mãe há uns anos fora internada para fazer uma operação de urgência, uma pedra num rim.

O táxi deixa-me naquela portaria que tão más recordações me trazia. As Informações ficam ali mesmo, tenho que as enfrentar, não há outra forma de saber. Olho para o relógio digital na parede: são 14h30. Pergunto, tenso, temeroso.

– A doutora Marta Baron, onde está?

Indicam:

– Nas Urgências.

É para lá que eu vou, atordoado, a malinha com rodas, não sei se a posso ter ali, mas vou, com angústia. Finalmente, nas Urgências orientam-me. Sigo as indicações. Apanho o elevador para o 1.º andar e ali enfrento um corredor comprido, muito longo e confuso, muitas pessoas apressadas, todo a gente a olhar para o meu casaco *tweed* e a gabardina no braço,



a destoar. A mala ruidosa atrai olhares curiosos e reprovadores. Sinto-me um ET.

Finalmente, numa sala grande, muitas camas, aproximome, é ela, *é ela mesmo?* Parece-me de cera! Parece-me que já nem existe! É como num filme de guerra, um mau romance, eu não sei o que fazer. *Ela está a dormir, é isso? Ou não?*

Afinal não é ela. Como é possível eu me enganar tão estupidamente?

*Pela Janela, observei os jacarandás lá de baixo. O roxo da sua floração é deslumbrante. Penso: Muito em breve essas flores tombam, uma a uma, para formar um tapete roxo, belo, porém efêmero, que o vento dispersará enquanto as pessoas as pisarão indiferentes. Estabeleci mentalmente um paralelo com o nosso amor, também tão belo e efêmero. Não, não, o nosso amor não é nem será efêmero. A nossa relação, sim!*

## Sinopse

Um jovem português universitário a estudar em Londres é chamado com urgência a Lisboa devido ao internamento da sua mãe, que infelizmente morre no hospital à sua frente, para a sua dor e muito sofrimento.

Em Lisboa, os problemas com o seu apartamento e outros assuntos retêm-no durante alguns meses e ele acaba por se maravilhar com a cidade, e observar com curiosidade e argúcia os costumes dos seus habitantes.

Contudo, esta curta estadia transforma por completo a sua vida e o seu futuro.

Mergulha nas recordações da sua infância e da adolescência que viveu em Lisboa, convive com entusiasmo com uma amiga e vizinha desses tempos, agora meio incapacitada. Apesar de não o desejar acaba por se apaixonar por ela, mas essa incapacidade acaba levando a uma situação insolúvel.

Enquanto permanece em Lisboa, e tendo muito tempo livre, decide escrever um romance sobre vida da sua faculdade em Cambridge, mas paralelamente um hacker entra no seu computador e faz alterações ao seu texto, para sua surpresa e desespero. Mas finalmente consegue terminar o romance e publicá-lo, com sucesso.

Entretanto, consegue arranjar um bom cirurgião inglês para operar a sua amiga e, também decide voltar à sua faculdade para continuar o seu doutoramento em Matemática... sem a sua paixão.

E o final? Este o leitor pode escolher, acredite.

Num estilo informal e envolvente o autor cria uma história que prende o leitor pela sua trama bem conseguida.

## Sobre o autor



Mário Mendes de Moura nasceu em Lisboa há 96 anos. Emigrou após concluir o curso de Agronomia, devido à sua militância antifacista (MUD Juvenil). Viveu fora de Portugal durante 40 anos na Venezuela, no Canadá e, sobretudo, no Brasil. Mais tarde também em Londres.

Com 21 anos escreveu *O Campismo na Vida Moderna* (Biblioteca Cosmos) em apoio ao seu esforço de introdução do campismo desportivo em Portugal.

Editor durante mais sessenta e oito anos, no Brasil (Fundo de Cultura, Páginas, Vértice, Andes), em Espanha (Plural Singular) e Portugal (Pergaminho, Arte Plural, Bico de Pena e Vogais & Companhia) e atualmente é editor da 4Estações Editora. Editou globalmente mais de três mil títulos, o que representará milhões de exemplares.

Em finais de 2008 a 2010, após a venda do grupo Pergaminho e Vogais & Companhia, respetivamente, desfruta de alguns anos sabáticos em que viaja e escreve cinco títulos: *O Escultor de Almas* (Romance), *O Contador de Estórias* (Contos), *O Homem que Perdeu a Sombra e outras estórias* (Contos), *Na Poeira do Tempo* (crónicas) e do romance *A Paixão dos Suicidas* (no prelo).



